



**Desafio vencido:
A Literatura guineense chega
finalmente ao lado brasileiro do
Atlântico**

Giselle Rodrigues Ribeiro*

Resenhar um livro que tem por tema a literatura produzida contemporaneamente na Guiné-Bissau torna-se uma tarefa das mais especiais se tivermos em conta a áurea de mistério, ou mesmo a atmosfera interrogativa, que a simples menção deste país africano de língua portuguesa suscita na maior parte das pessoas, grupo este em que se inclui a maior parte dos brasileiros. Destoando desse grupo, vem a público, então, Moema Parente Augel, através do lançamento de um belo ensaio sobre a literatura guineense, intitulado *O desafio do escombro* – nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau.

Tendo por suporte teórico os Estudos Culturais, esta publicação da Editora Garamond, editada no ano de 2007, vem engrandecer as pesquisas realizadas no país e internacionalmente sobre as diversas literaturas africanas escritas em língua portuguesa, uma vez que a capacidade da autora permite a produção de uma obra que, definitivamente, traz visibilidade a um espaço de produção literária muito desconhecido entre nós, mas, ao mesmo tempo, produzido por pessoas com quem nós brasileiros devemos ter muito em comum.

Investigações recentes sobre a ancestralidade africana dos brasileiros, cuja perícia vem sendo aumentada pela participação de

geneticistas nas pesquisas, nos alertam sobre uma presença maior de pessoas oriundas da África Ocidental que foram conduzidas ao Brasil para serem escravizadas. Tem se comprovado que “a proporção de escravos oriundos do Oeste da África – entre Senegal e Nigéria [região em que está localizada a Guiné-Bissau] – pode ter sido de duas a quatro vezes maior que o contabilizado até o momento” (ZORZETTO, 2007, p.1)¹, o que equivaleria a até 40% do número de africanos trazidos à força para o Brasil. Sabe-se já que povos como iorubas, os jejes e os malês vindos desta região exerceram forte influência social e cultural na parte nordeste do país, especialmente no estado da Bahia.

No quadro geral, torna-se muito provável, então, que a leitura deste livro, interessantíssimo para aqueles que se iniciam no campo das literaturas africanas e de valor mesmo para especialistas, venha favorecer nosso próprio processo de auto-(re)conhecimento identitário e como indivíduos de uma coletividade, visto que o livro acaba transcendendo seu propósito ao se debruçar, também, sobre as questões apontadas em seu subtítulo: nação, identidades e pós-colonialismo, elementos que afetam povos dos mais diversos e, com certa proximidade, a nós, brasileiros, que compartilhamos traços de nossa História com os guineenses, como a exploração pelo mesmo colonizador, o português.

No que se refere à autora, Moema Parente Augel, como já se deixou implícito, é brasileira. Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Bahia e doutora em Literaturas Africanas pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, está radicada na Alemanha, onde atua como professora de Português e Cultura Brasileira na Universidade de Bielefeld e, também, pesquisa a literatura afro-brasileira e a literatura da Guiné-Bissau.

Este estudo sobre a literatura guineense, especificamente, cresce em credibilidade quando descobrimos que Moema, com algumas

¹ ZORZETTO, Ricardo. A África nos genes do povo brasileiro. *Revista Pesquisa Fapesp: Ciência e Tecnologia no Brasil*. São Paulo, n. 134, abr.2007. Disponível em: <revistapesquisa.fapesp.br/?art=3193&bd=1&pg=1&lg=> acesso em: 23 abr. 2007.

interrupções, morou, de 1992 a 1998, na terra certa vez iluminada pelos ideais libertários de Amílcar Cabral. Na Guiné-Bissau, um trabalho desenvolvido em parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), de Bissau, resultou na publicação da Coleção *Kebur*, um projeto idealizado e organizado pela autora, financiado pela União Européia, que envolveu a edição de sete livros de autores guineenses e um oitavo de sua própria autoria, sobre a história da literatura da Guiné-Bissau, em que se pode obter um panorama geral da literatura do país, até a metade dos anos noventa, e de cada um de seus autores.

O desafio do escombro surge, assim, como um significativo passo além, resultante, também, de sua tese de doutoramento. Ao se servir da transdisciplinariedade promovida pelas teorias pós-coloniais, como os Estudos Culturais, agregando a isso elementos da história, da etnologia, da antropologia, da sociologia e da política, por exemplo, Moema preocupa-se em ressaltar a relevância social da oratura do país que a literatura guineense contemporânea recupera. A partir disso, adota como cerne de sua abordagem a questão da identidade nacional, considerando, para tanto, o elemento nação e o modo como sua narração se produz e desdobra através do fazer literário, englobando, no processo, as dimensões simbólica, social e política do país.

O livro foi dividido em 6 capítulos principais, além de uma introdução, em que a autora explica e justifica a abordagem teórica adotada, esclarecendo que não mais se aterá a analisar cada autor em separado, como fez no prévio livro *A nova literatura da Guiné Bissau*, mas sim a realizar uma leitura sobre conceitos como o de identidade (individual, coletiva e cultural) e o de etnicidade, a partir do que estrutura uma reflexão sobre a idéia de nação e de território, que a conduz a uma ponderação sobre os caminhos da desterritorialização e reterritorialização tendo em vista a sociedade guineense. Há ainda a conclusão que, recebendo o mesmo título que o livro, serve a propósito de uma recuperação em linhas gerais de seu trabalho, como, ainda, de

um balanço do que foi alcançado pela literatura guineense e por seu livro.

No segundo capítulo do livro, o leitor se depara com considerações sobre o contexto geográfico, histórico e social, que põem em pauta desde o meio ambiente e o panorama histórico do país até sua situação social, composto que é por diferentes grupos étnicos, sendo que, deste modo, a questão lingüística e as diferentes religiões se tornam elementos importantes de serem considerados. O que, aos olhos de alguns, pode parecer minúcia justifica-se, no procedimento de Moema, visto ser conhecido que a literatura de um país liga-se estreitamente a seu lugar de enunciação e devido à grande escassez de informações corretas veiculadas sobre a Guiné-Bissau mundo afora, deficiência esta que a autora visa, de alguma forma, a suprir.

O terceiro capítulo d'*O desafio do escombros* se ocupa da produção e recepção da literatura guineense, tendo em vista sua fortuna crítica a partir do exame do que já se publicou no campo da análise e da crítica literária. Este inventário, que tem por propósito, também, a divulgação, divide-se em cinco partes: "Guineenses sobre a literatura guineense"; "A literatura guineense em Portugal"; "A literatura guineense no Brasil"; "A literatura da Guiné-Bissau fora do contexto lusófono"; e "A Guiné-Bissau e sua literatura nos países africanos".

E por acreditar que qualquer abordagem que se atenha ao âmbito cultural do continente africano precisa, obrigatoriamente, refletir sobre o colonialismo e suas conseqüências, no capítulo 4, Moema ocupa-se de questões como a descolonização, o pós-colonialismo, o neocolonialismo, e mesmo a auto-colonização, apoiando-se em teóricos como Bhabha e Schulze-Engler, para considerar o uso que os escritores guineenses fazem da língua portuguesa como um veículo literário através do qual "praticam um ato político e de auto-afirmação", ao construírem, por exemplo, "textualidades que [tanto] rasuram e desconstroem a visão colonial" (AUGEL, 2007, p. 45), como evidenciam uma auto-colonização perpetrada pela elite do pós-independência.

No capítulo 5, a autora já faz uso do conceito de subalterno, que introduziu no capítulo anterior, para abordar demoradamente a questão da etnicidade. Deste modo, "Literatura como apropriação simbólica" compreende o momento do livro em que subsídios da antropologia social são usados, ambicionando-se uma aproximação de um aludido "olhar etnográfico", necessário à melhor compreensão do que se passa nos "interstícios da comunicação e do entendimento interétnico" peculiar à Guiné-Bissau (AUGEL, 2007, p. 46). Assim, Moema realiza uma devida contextualização da literatura guineense, em que uma ponderação sobre o conflito bélico ocorrido de 1998 a 1999 no país tem destaque, visto sua contribuição para a congregação de povos de diferentes etnias, algo que teve seu reflexo literário.

Desta forma, "Literatura e identidade cultural", título atribuído ao capítulo 6, torna-se o momento da obra destinado à discussão da questão plural da identidade, em um concatenamento necessário à abordagem do elemento etnia/eticidade previamente considerado. Segundo Augel (2007, p.46), vai-se, então, tratar "primeiramente da relação com a representação das identidades, tanto individual como coletiva, para depois analisar a representação da identidade cultural e da identidade nacional, em seus reflexos no tecido textual e enquanto sentido de pertencimento a uma cultural nacional". Para tanto, a autora ilustra estas ponderações com a produção de escritores como Odete Semedo, Félix Siga, Pascoal D'Artagnan Aurigemma e Tony Tcheka, escritores que assumem um papel social, conseguindo, portanto, identificar-se com o povo guineense na medida em que exercem uma função dupla de porta-voz e intérprete (AUGEL, 2007, p. 47).

Finalmente, o capítulo que precede a já referida conclusão é o precioso momento do livro em que Moema vai se utilizar de todas as considerações teóricas previamente elaboradas e adotar uma abordagem diacrônica para sustentar uma exposição, abundante em exemplos, do modo como entende a literatura guineense como um notável elemento para a narração da nação. Este capítulo temático final é, então, disposto em quatro segmentos que se subordinam ao tema

central, em um processo em que se parte do exame das primeiras manifestações líricas surgidas na Guiné-Bissau, para progressivamente ir-se considerando o papel que tiveram a literatura de combate e a poesia encomiástica e triunfalista que celebram “os heróis construtores do Estado-Nação” (AUGEL, 2007, p. 47) e, a partir dos anos 90 do século XX, os romances de autores como Abdulai Sila e Filinto Barros e a poesia de Odete Semedo.

Delineada a obra, cabe-nos apenas ser breve para que o leitor tenha, o quanto antes, a oportunidade de se debruçar na assunção desta grande provocação que acabou por se tornar *O desafio do escombro* – nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Uma provocação construída e lapidada eximamente por Moema Parente Augel, diante do cenário ainda tão inóspito, destacadamente no Brasil, para a recepção da literatura guineense, o qual, por isso mesmo, apresentava-se realmente carente de tão distinguível estudo.

AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007 (422 p.).

* Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas – FFLCH, Universidade de São Paulo – USP. Pesquisa: *A voz político-cultural do afro-brasileiro e seu papel para a construção de um diálogo crioulo entre o Brasil e a África de língua portuguesa*. E-mail: gi_rr@hotmail.com.